



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

### **A interdiscursividade no vídeo “Nós somos o MBL”**

### **The interdiscursivity in the video “We are the MBL”**

Cadiani Lanes Garcez

**Palavras-chave:** Interdiscursividade; MBL; Espaço; Território; Lugar.

O presente trabalho pretende analisar a interdiscursividade presente no vídeo “Nós somos o MBL”<sup>1</sup>, publicado no canal do *Youtube* do Movimento Brasil Livre (MBL), em 24 de novembro de 2017, tendo na data de hoje, 17 de fevereiro de 2019, 107.164 visualizações, 4 mil e 100 gostei, 629 não gostei e 532 comentários. O vídeo tem cinco minutos e onze segundos, e tem como trilha sonora *The Rat* do grupo *The Walkmen* e *Baba O’Riley*, do *The Who*.

O MBL é um grupo político, que foi criado em 2014 por Kim Kataguiri, Renan Santos, Gabriel Calamari, Frederico Rauh e Alexandre Santos, tendo como uma das prioridades anunciadas o combate à corrupção. Segundo informações do jornal *Nexo*<sup>2</sup>, o grupo ganhou projeção nacional ao ajudar a organizar protestos com a participação de milhares de pessoas, junto com outros grupos antipetistas, como o *Vem Pra Rua* e o *Revoltados OnLine*. Além de pautas contra o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e apoio a *Lava Jato*, o MBL defende uma agenda liberal na economia, com menos participação do Estado, e conservadora nos costumes, como no combate a políticas de cotas raciais e a pautas do movimento LGBT.

---

<sup>1</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=2&v=jagXpRzD1Xg](https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=jagXpRzD1Xg)>

<sup>2</sup> Informações disponíveis em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/31/MBL-do-discurso-anticorrupt%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-proximidade-com-as-fake-news>> acessado em 13 de dezembro de 2018.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

---

Para mostrar como o MBL se apresenta, utilizamos os conceitos de enunciação e a interdiscursividade, por Maingueneau (2000, 2008 e 2014). Além disso, utilizamos uma constelação de conceitos, da qual fazem parte o espaço, o lugar e o território, com aporte teórico de Santos (2006) e Haesbaert (2014). A discussão sobre espaço definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, segundo Santos (2006), enquanto o lugar é visto como um ponto específico marcado no espaço, já o território está diretamente ligado a questões de poder, segundo Haesbaert,

“espaço, enquanto espaço geográfico, ou seja, aquele que faz parte da abordagem sobre a relação sociedade/natureza, é mais amplo que território - este sendo visto como um olhar sobre o espaço geográfico que coloca seu foco nas relações de poder, isto é, enfatiza as relações espaço/poder.” (2014, p. 55)

Ampliamos a pesquisa para entender o que significavam determinadas referências utilizadas no vídeo, como porque certa empresa aparece com destaque e não outra do mesmo segmento ou a utilização de imagens de uma personalidade em detrimento de outra. Percebemos nessa busca, como a midiatização está presente na sociedade. A midiatização é um processo que vem se desenvolvendo na sociedade atual, que afeta amplamente as práticas institucionais, que usam suas lógicas e operações para produzir novas formas de reconhecimento dos discursos; as agendas midiáticas afetam os indivíduos, os quais utilizam como referência as identidades proposta pela midiatização; as relações entre instituições e indivíduos passam a ser mediadas por lógicas da midiatização e vice-versa, com a mídia operando como reguladora; e, as mídias deixam seu papel de mediadora, oferecendo sentidos sobre um mundo externo, produzindo referenciais sobre si mesma, segundo Fausto Neto (2006).

Numa primeira análise, percebemos que a interdiscursividade foi um elemento central no vídeo. Foram utilizadas referências da música, de empresas, de personalidades, sejam políticas ou celebridades, de políticos de esquerda e de direita, com o intuito de reforçar características e estereótipos dessas pessoas. Encontramos



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

ainda o uso do nós, como enunciador, buscando trazer o co-enunciador como participante do discurso e das atividades desenvolvidas, o discurso é nosso e não deles. Neste trabalho não entramos em um dos conceitos centrais de nossa pesquisa principal, a circulação, que será tangenciada em detrimento de outros conceitos, mas que poderia ganhar destaque se déssemos outro enfoque ao trabalho.

### **Espaço, lugar e território**

Santos (2006) diz que é impossível entender um conceito sozinho, isolado; devemos sempre buscar entendê-los em seu conjunto, sua constelação é o termo utilizado por ele. Então, para discutir o espaço, lugar e território são conceitos que fazem parte de sua constelação. Santos (2006) propõe que “o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (p. 12). Mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos, Santos (2006) destaca que o espaço é visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados também seguindo uma lógica.

Santos expõe que

“o espaço será visto em sua própria existência, como uma forma-conteúdo, isto é, como uma forma que não tem existência empírica e filosófica se a consideramos separadamente do conteúdo e um conteúdo que não poderia existir sem a forma que o abrigou.” (2006, p. 14)

Dessa forma, percebemos, segundo Santos, que a sociedade opera no espaço geográfico por meio dos sistemas de comunicação e transportes, alterando o espaço geográfico, que podemos chamar de paisagem. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza (SANTOS, 2006, p. 66); enquanto o espaço são essas formas mais a vida que as anima, o espaço sofre ação humana. Para Santos, “o espaço é a sociedade, e a paisagem também o é. No entanto, entre espaço e paisagem o



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

---

acordo não é total, e a busca desse acordo é permanente; essa busca nunca chega a um fim.” (2006, p. 67); o espaço deriva das atividades da sociedade, que alteram suas lógicas, nessas formas-objetos.

Quando Haesbaert (2014) fala dessa relação entre o espaço, o lugar e a paisagem, fala de um jogo circular de conceitos em torno do espaço, o lugar como espaço vivido, o território como espaço-poder, a paisagem como espaço-representação, o ambiente como as relações da sociedade e natureza e no centro o espaço-tempo junto ao espaço geográfico.

Haesbaert (2014) e Santos (2006) veem o espaço e o território de forma similar. Para Haesbaert (2014), o espaço coloca seu foco no caráter de coexistência e coetaneidade dos fenômenos (sem, obviamente, reduzir-se a ele), o território debate a problemática do poder e sua relação com o espaço; enquanto para Santos, o espaço reúne a todos, com múltiplas possibilidades para seu uso, relacionadas com as possibilidades do uso do tempo. Haesbaert diz que

“Espaço, enquanto espaço geográfico, ou seja, aquele que faz parte da abordagem sobre a relação sociedade/natureza, é mais amplo que território - este sendo visto como um olhar sobre o espaço geográfico que coloca seu foco nas relações de poder, isto é, enfatiza as relações espaço/poder.” (2014, p. 55)

Nesse sentido, entendemos que o território tanto pode ser lido a partir das relações de poder, pensando numa visão macro do Estado como também pode estar presente em toda a microfísica do poder espalhada em todas as esferas da sociedade, conforme Haesbaert. Encontramos o uso de território, enquanto categoria prática, especialmente entre movimentos sociais, como o movimento dos sem-terra, dos sem-teto e dos povos tradicionais.

Passamos a tratar a relação entre território e lugar. “O lugar, como o território, torna-se muito mais complexo pela crescente mobilidade, e desse modo, pelas redes que cada vez mais se impõem na sua construção.” (HAESBAERT, 2014, p. 47).



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

---

Entendemos que lugar é onde a pessoa busca referência para construir seus valores, suas crenças, é diferente de local. O lugar, segundo Haesbaert, abrange um conjunto material na efetivação de relações sociais nas ligações mais subjetivas de um determinado sentido de lugar. O sentimento de lugar leva a construção de uma identidade no espaço, o que torna mais humanos esses conceitos.

### **Enunciação e interdiscursividade**

Para Maingueneau, cada enunciado é portador de um sentido estável, aquele que o locutor lhe confere, que seria decifrado pelo receptor, que tem conhecimento prévio deste mesmo código e fala a mesma língua que o locutor. O sentido estaria de alguma forma inscrito no enunciado; dessa forma, o contexto desempenharia um papel periférico. Para o autor

“O contexto não se encontra simplesmente *ao redor* de um enunciado que *conteria* um sentido parcialmente indeterminado que o destinatário precisaria apenas especificar. Com efeito, todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador. Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é dado preestabelecido e estável.” (MAINGUENEAU, 2008, p.20)

Podemos dizer que fora do contexto não podemos realmente falar do sentido. É preciso saber onde o texto se encontra e de que forma foi feito, além de conhecer o texto para poder entender o seu sentido. “Um enunciado não se assenta no absoluto; ele deve ser situado em relação a alguma coisa.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 105).

“Todo enunciado implica um enunciador em relação ao qual é definido o *você*, constituído como tal pelo enunciador. Se esse enunciador, suporte do ato de enunciação, coincide com o sujeito da frase, ele é representado sob a forma “eu”.”



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

---

(MAINGUENEAU, 2008, p. 106). Quando nos referimos aos elementos chamados “de terceira pessoa”, eles designam alguém que está fora do ato de enunciação, qualquer referente que não seja nem o enunciador nem o co-enunciador. A partir de Benveniste, Maingueneau explica que chamamos de não-pessoa essa tradicional “terceira pessoa”, assinalando que ela se encontra numa esfera diferente do eu e do você.

Nas situações de enunciação, o enunciador escolhe marcas discursivas, uma delas é o emprego do nós. Maingueneau explica que

“o emprego do “nós” para designar não uma soma de indivíduos, mas um sujeito coletivo, não tem nada de surpreendente; como explica Émile Benveniste, “de uma forma geral, a pessoa verbal no plural exprime uma pessoa amplificada e difusa”. O nós não é efetivamente uma coleção de eu, “é um eu expandido para além da pessoa estrita, ao mesmo tempo aumentado e com contornos vagos”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 127)

Sobre a utilização dos nós, Maingueneau usa como exemplo, a utilização do “*on gagné*” na França após a eleição presidencial, para que todos se sentissem incluídos na vitória, o “*on*”, poderia ser traduzido por a gente, nós, não utilizando o habitual *ils gagné*, que se referiria a eles e não nós. No nosso objeto de análise, o nós é incluído inclusive no título do vídeo, para que o co-enunciador se sinta parte daquela situação de enunciação.

Nas situações de enunciação, encontramos também o interdiscurso, que segundo Maingueneau (2000) é um conjunto de discursos, que podem ser do mesmo campo ou de campos diferentes, podem ser de épocas diferentes. “É um conjunto das unidades discursivas com as quais ela entra em relação” (2000, p. 86). Maingueneau cita Charaudeau ao dizer que o sentido interdiscursivo para as locuções ou os enunciados fossilizados que são associações feitas regularmente às palavras e contribuem para dar-lhes um valor simbólico.

Charaudeau (1993d apud CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2014) “vê no “interdiscurso” um jogo de reenvios entre discursos que tiveram um suporte textual, mas



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

de cuja configuração não se tem memória.” Percebemos que aqui se encontram aquelas referências, que não sabemos muito bem de onde vem, mas sabemos que já vimos e pode ter sido num discurso de um familiar ou em um ditado popular.

### **Referências bibliográficas**

CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique; Tradução Fabiana Komesu. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mediatização, prática social: prática de sentido**. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e Comunicação (COMPÓS), 15, Bauru/SP. Anais eletrônicos. 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique; tradução Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. **Termos-chave da análise do discurso**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_ ; tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Decio Rocha. **Análise de textos de comunicação**. 5ª ed – São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.